

43º Encontro Anual da Anpocs

SPG 28 – Sobre Periferias Urbanas

**CASA DE MULHER EM CONFIGURAÇÃO: os circuitos
cotidianos de cuidado, dinheiro e violência em São Carlos/SP**

ISABELA VIANNA PINHO

Caxambu

2019

Casa de mulher em configuração: os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência em São Carlos/SP

Isabela Vianna Pinho¹

RESUMO

O presente texto analisa as formas que Maria, Bela, Ana e Rosa habitam a vida ordinária. Moradoras de um bairro promovido pelo programa federal Minha Casa, Minha Vida em São Carlos/SP, as quatro mulheres também são (ou foram) titulares do programa Bolsa Família. A pesquisa mostra que as duas políticas constituem um entre outros universos possíveis de sentido pelos quais as moradoras se movem. Argumento que os “processos de vida” e de casas, bem como as formas de habitar e viver se emaranham nos cotidianos. Ademais, defendo que a casa só pode ser pensada em configuração, isto é, só existe em relação. Desse modo, três circuitos cotidianos – de cuidado, dinheiro e violência – conformam mutuamente a configuração de casas. Os circuitos demonstram que existe intersecção entre supostas antinomias como, por exemplo, vida e economia. Como estratégia metodológica e analítica, defendo que uma etnografia de ‘casa de mulher’ em configuração permite enxergar o ‘entre’; ou seja, possibilita captar os fenômenos sociológicos de forma relacional. O que se verá aqui serão linhas que expõem as miudezas postas em prática por mulheres para tornar o mundo reabitável a cada novo acontecimento.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz resultados parciais da minha dissertação de mestrado². Como objetivo principal, a pesquisa analisou os modos que Maria, Bela, Ana e Rosa reabitam a vida ordinária. Moradoras de um bairro promovido pelo programa Minha Casa, Minha Vida faixa 1 (PMCMV-1) em São Carlos/SP, elas também são (ou foram) titulares do Bolsa Família (PBF). Como se sabe, as duas políticas são reconhecidas como grandes realizações dos governos petistas, tendo marcado as periferias urbanas e as populações pobres brasileiras de formas indeléveis nos últimos anos. E atingiram, especialmente, os cotidianos das mulheres que são alvos preferenciais nos dois programas. Mas quem são essas mulheres e de que forma tais políticas as atingiram?

*É pouco, mas ajuda*³ é uma expressão habitualmente usada por elas, moradoras do bairro Eduardo Abdelnur, quando dizem sobre o benefício do PBF. *Mas só de ter a minha*

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar). Integrante do núcleo de pesquisas urbanas NaMargem (UFSCar/CEM) e pesquisadora júnior do Centro de Estudos da Metrópole (CEPID/FAPESP). E-mail: isaviannapinho@gmail.com.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

³ Ao longo do texto, serão utilizados nomes fictícios para todas as pessoas, com o objetivo de preservar seus anonimatos. Além disso, serão utilizados os seguintes critérios gráficos: termos, expressões, categorias êmicas/nativas serão indicados

própria casa é outra expressão recorrente quando fazem referência às suas casas, promovidas pelo PMCMV-1 na periferia de São Carlos, cidade localizada no interior do estado de São Paulo. Quando iniciei a etnografia em abril de 2018 neste bairro, buscava compreender - a partir dos cotidianos - os diferentes sentidos de expressões como as mencionadas acima pelas titulares.

As chaves das quase mil *casinhas do Abdelnur* foram entregues no final de abril de 2016; desse modo, as novas moradoras e seus familiares precisaram reabitar a vida. O bairro não oferecia – e ainda não oferece - equipamentos públicos coletivos como, por exemplo, escolas, creches e postos de saúde. Interessada em entender como, então, as titulares do PBF faziam para cumprir as condicionalidades do programa, dei início a pesquisa de campo. A questão específica que pretendia analisar era: dadas as condições do bairro, como as titulares cumpriam a condicionalidade da educação imposta pelo estado⁴?

De certa forma a dissertação responde tal questão, porém levanta várias outras, já que levar e buscar os filhos nas escolas é uma das atividades dentre uma diversidade de tarefas que as moradoras realizam no dia a dia; esta era mais uma situação a ser lidada, gerida e negociada no cotidiano. No decorrer da etnografia e posteriormente na escrita da dissertação, os assuntos que eram de meu interesse, ou seja, como faziam para cumprir as condicionalidades, acabaram se diluindo no emaranhado de outras questões, lutas, necessidades e prioridades do cotidiano das interlocutoras. Nesse movimento, o que passou a me interessar era o que elas queriam me falar. Passei a observar, então, os pequenos gestos, a capturar as redes de relações, permiti acompanhar os diferentes problemas que tecem suas vidas ordinárias⁵.

em itálico, já as reproduções de falas mais longas no corpo do texto estarão em entre aspas duplas. As palavras, expressões ou citações que fazem referência a conceitos, categorias, fontes bibliográficas ou outras fontes documentais escritas virão da mesma forma: com aspas duplas acompanhadas das devidas referências. As aspas simples indicam palavras e expressões minhas que indicam ironia, coloquialidade, problematização, suspeita. O sublinhado diz respeito às ênfases de minha autoria.

⁴ Utilizo a grafia de estado em minúscula para diferenciá-lo da definição mais usual de Estado como somente um conjunto de instituições públicas ou aparatos ideológicos. O caráter de estado objetivado é pensado aqui com referência a teoria Weberiana, “[...] devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território - a noção território corresponde a um dos elementos essenciais do Estado - reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física” (WEBER, 1968, p.56). O estado é ao mesmo tempo um agente, produzido no curso e como resultado de suas ações. Abrams (2006) nos mostrou a dificuldade de estudar o estado dada sua complexidade e processualidade; propôs levar em consideração a dimensão de Estado-sistema, sem descartar a dimensão Estado-ideia. Os trabalhos de Das (2004; 2008) levam a sério esse esforço de não pensar o estado como unidade; sua proposta analítica de olhá-lo a partir das margens permite que nele se produza fissuras e que se quebre sua suposta solidez. Vianna (2014) e Vianna e Lowenkron (2017a; 2017b) trazem análises dos processos de estado, em movimento, atentando para seu fazer-se progressivo e seus momentos reificados.

⁵ A vida ordinária não é o lugar do óbvio, do garantido, da repetição; é o lugar da reabitação a cada novo evento; e a cada novo acontecimento as pessoas recriam as relações, se reconstituem enquanto sujeitos com raça, classe, gênero, corpos e subjetividades (Das, 2004; Pierobon, 2018).

Dito isso, o objeto central da pesquisa se alterou. Não que eu tenha deixado de olhar para as políticas, mas elas paulatinamente se tornaram contextuais. Isto é, elas aparecem no texto como um ‘pano de fundo’ sobre o qual as interlocutoras estão inseridas. Como a dissertação mostra, as políticas constituem um entre outros universos possíveis de sentido pelos quais quatro moradoras de periferias urbanas se movem. Ao permitir que os dados do campo me mostrassem o que aparecia mais ou o que era mais relevante, as casas e as relações entre casas saltaram aos meus olhos. Logo me atentei que uma série de pessoas desempenhavam múltiplos papéis na produção cotidiana da domesticidade e, devido a isso, resolvi analisar as casas em configuração, não somente as mulheres. Em suma, foram as casas os fios condutores que ligaram todos os capítulos da dissertação.

Com essa escolha, ao olhar com atenção para as casas e a partir delas pude, então, observar os modos de reabitar a vida ordinária; pude analisar as relações sociais, as trocas cotidianas, os laços, as redes, os fluxos e as circulações. Essas relações entre casas são construídas cotidianamente e ao longo do tempo; estão em constante transformação e envolvem interdependências, cooperações, solidariedades, afetos, moralidades, obrigações, proibições, assimetrias, reputações e conflitos.

As mulheres geralmente são as principais agentes na gestão deste universo social das casas, são elas as responsáveis por colocar em movimento grande parte dos circuitos e trocas. No entanto, elas não estão ligadas à casa em oposição a um suposto espaço público; na realidade estão ligadas através de práticas cotidianas que muitas vezes são a base da economia e do estado, por exemplo. O exercício mundano, nada heroico, de tecer a vida a partir dos minúsculos detalhes geralmente recai sobre as mulheres.

Com relação aos argumentos defendidos durante o texto de dissertação, na primeira parte demonstro que os “processos de vida”⁶ e de casas de Maria, Bela, Ana e Rosa estão emaranhados em seus cotidianos. Isto é, as formas de habitar e de viver se relacionam em suas vidas ordinárias. Além de que as memórias passadas das casas são fundamentais para entendermos as formas que habitam o mundo hoje. Do mesmo modo, o passado se embebe no presente e os eventos extraordinários se embebem no ordinário.

⁶ Seguirei a perspectiva de Araujo Silva (2017, p. 112) de “processo de vida” como “o fluxo da existência e nossas tentativas de lhe dar sentido”. A autora defende que analiticamente sua utilização possui a vantagem de acompanhar os projetos de vida e as moralidades nativas, diferente de “ciclos de vida” que podem apresentar um caráter normalizador, exterior e homogeneizador. Além disso, tenho a sensação de que “processos de vida” são mais fluidos, mais dinâmicos.

Na segunda parte, esboço as categorias de análise surgidas da etnografia e argumento que os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência dão inteligibilidade às trocas, circulações e fluxos dentro e entre as *casinhas do Abdelnur*. Todo um conjunto de circulações de objetos, alimentos, dinheiros, cuidados, crianças, pessoas, conflitos e violências foram relatados. As relações dentro e entre as casas envolvem redes de solidariedades, cooperação, afeto, interdependências, moralidades, obrigações, reputações, fofocas, etc. Argumento que as categorias analíticas – dinheiro, cuidado e violência – são elementos que compõem a ‘casa de mulher’ em configuração⁷. Elas são eixos de sentido que constituem as tessituras da vida cotidiana e a ‘casa de mulher’ foi o ponto fulcral do cruzamento desses diferentes vetores e feixes de relações.

A partir disso, ‘casa de mulher’ se tornou o objeto de investigação central da dissertação. Argumento aqui que, ao olhar para as casas e a partir delas, é possível compreender os modos pelos quais moradoras do *Abdelnur* habitam a vida ordinária, isto é, este termo dá inteligibilidade aos seus cotidianos. Ademais, ‘casa de mulher’ permite uma abordagem relacional, combinando aspectos físicos e sociais, materiais e simbólicos. Ou seja, é um objeto sociológico que permite romper com dicotomias e, por outro lado, demonstra que no cotidiano existem fluxos, circulações, relações entre o universo público/privado; de produção/reprodução; da vida/trabalho; da casa/economia; do espaço doméstico/não doméstico, etc. Em suma, diversas dimensões da vida social estão entrelaçadas no cotidiano, como a economia, família, gênero e estado. A lógica econômica, por exemplo, é inseparável das relações de afeto, das obrigações entre as casas e das moralidades que as unem. A representação analítica ‘casa de mulher’ permite qualificar as formas pelas quais essas dimensões sociais estão emaranhadas no cotidiano.

É fato que as mulheres reabitam a vida de formas distintas e evidentemente não foi possível trabalhar em detalhes todas elas. Acredito, porém, que na composição de práticas bem diferentes, que se entrecruzam no mesmo local, as formas de reabitar puderam ser razoavelmente qualificadas e matizadas. Desse modo, interessou desdobrar o sentido que a expressão ‘formas de habitar a vida ordinária’ nomeia. Esta que tenta informar acerca dos esforços para tornar os mundos habitáveis, isto é, as estratégias de vida, as formas de

⁷ A dissertação teve a pretensão de ser complementar ao debate posto por autores sobre “casas” e “configuração de casas”. As referências de Lévi-Strauss (1979); Carsten & Stephen Hugh-Jones (1995); Louis Marcelin (1999); Eugenia Motta (2014, 2015) e Marcella Araujo Silva (2017) são fundamentais para esta discussão.

gerir e manter as casas, ganhar e gastar dinheiro, planejar o futuro, cuidar dos filhos e familiares, administrar o tempo, lidar com a violência e com o estado.

O que se observou na dissertação foram linhas que expõem as miudezas postas em práticas por essas mulheres para tornam seus mundos reabitáveis a cada novo acontecimento. São gestos que muitas vezes são considerados minúsculos, quase invisíveis, nada heroicos que tecem suas vidas ordinárias. Ao mesmo tempo que escrevi sobre histórias de sofrimento, dor, tristeza, perda; também narrei histórias de luta, resistências, enfrentamentos e coragem.

OS PROCESSOS DE VIDA E DE CASAS

Dada a limitação deste artigo, apresentarei aqui somente os dados etnográficos e as discussões presentes na primeira parte da dissertação nomeada como: “formas de habitar a vida ordinária”, sobretudo no capítulo “processos de vida e de casas”. Nele, apresento os “processos de vida” de Maria, Bela, Ana e Rosa, tomando como fio condutor suas “configurações de casas” em uma certa ordem cronológica. Aqui, interessa observar os marcadores das situações de vida pela situação das casas, ou seja, analisar como as formas de morar se relacionam com as formas de viver, como os “processos de vida” e de casas estão emaranhados. O texto descreve uma sucessão de “configurações de casas” que essas mulheres fizeram parte ao longo da vida até chegar às *casinhas do Abdelnur*.

Início a apresentação a seguir com os “processos de vida” de Maria por ser a primeira moradora que tive contato. Ela foi parte fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois me ajudou na mediação com outras mulheres e sempre deixou as portas abertas de sua casa para que eu entrasse. Em seguida, falarei de Bela, nora de Maria, com quem eu passei mais tempo durante a pesquisa de campo e criei uma relação de amizade. Depois os “processos de vida” de Ana darão continuidade ao texto e, por fim, os de Rosa. É preciso deixar claro que me interessa menos discutir a veracidade das histórias que as mulheres me contaram e mais compreender o que acreditavam ser verdade, ou como escolheram me contar para, em seguida, aprender com elas as suas próprias formas de habitar o mundo.

Nascida em 1973 na cidade de Minas Novas/MG, Maria é a caçula entre seis irmãs e quatro irmãos. Os dois primeiros meninos faleceram ainda quando crianças e Maria nem chegou a conhecê-los. Lá em Minas Novas - cuja população estimada hoje beira 32 mil pessoas⁸ - passou grande parte de sua infância. De forma saudosa, ela se recorda de morar com seus pais e irmãos em um *sítio enorme* e de ter uma vida característica de quem *vive na roça*, como mencionou para mim enquanto falava de suas memórias típicas de uma infância rural.

Toda a família migrou mais de mil quilômetros de Minas Novas/MG para Tabatinga/SP quando Maria tinha nove anos de idade. Nessa época, já havia interrompido os estudos na metade da primeira série do ensino fundamental, o que prejudicou seu processo de alfabetização. Logo após a migração da família, seu pai faleceu, ainda no início dos anos 80. Localizada no interior do estado de São Paulo, a aproximadamente sessenta quilômetros de Araraquara/SP, Tabatinga contém atualmente cerca de 16 mil⁹ habitantes. Como é peculiar desta região, a história da cidade é também marcada pelo cultivo de laranja - atividade que empregou Maria e seu atual marido, Cláudio, por anos. Considerada por ela como sua cidade, foi em Tabatinga que passou quase quinze anos de sua vida, dos 9 aos 23 anos idade. Desde criança, Maria já ajudava sua mãe nas atividades de plantio, com 13 anos começou a trabalhar na colheita de laranja e assim seguiu, depois que “acabava a laranja, ia para o algodão, acabava o algodão, ia para o café” e assim sucessivamente.

Da mesma forma que os trabalhos e as migrações aparecem nas narrativas de Maria como “processos de vida” importantes, o casamento e os nascimentos dos filhos e netos também o são. Com cerca de 17 anos de idade, no início da década de 90, conheceu seu marido Cláudio, já pai de Fábio e Fabi, hoje com 31 e 29 anos, respectivamente. Desde então, Maria passou a cuidar deles junto com o companheiro. Ainda na cidade de Tabatinga, Maria teve seus três filhos: em 1992 nasceu a primeira filha do casal, a Gabi; dois anos depois nasceu o Bruno; na terceira cesárea em 1996 nasceu o último filho Rafael. Depois dele, Maria fez a operação que a impossibilitava de engravidar novamente.

Em 1997 quando tinha 23 anos de idade, Maria fez a segunda migração de sua trajetória, dessa vez dentro do estado de São Paulo. A distância percorrida foi bem menor: menos de cem quilômetros. Mudou-se de Tabatinga/SP com destino à São Carlos/SP na

⁸ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/minas-novas/panorama>. Último acesso em: 1/8/2018.

⁹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/tabatinga/panorama>. Último acesso em: 1/8/2018.

companhia de seu marido e dos cinco filhos. A família ficou na casa de sua cunhada, irmã de Cláudio, que já morava na cidade. Foram menos de três anos em São Carlos antes de retornar anos mais tarde. Maria diz se lembrar muito pouco desse curto período, pois não demorou a migrar novamente para outro município a quase 250 quilômetros. Já em Mairinque - cidade situada na região metropolitana de Sorocaba com população atual de 50 mil habitantes¹⁰ - a família ficou durante uma década. Maria tinha dois irmãos que já moravam em Mairinque e os ajudaram nesse início. Era a segunda migração que o casal enfrentava junto e que mobilizava suas redes familiares. Durante o período que lá ficaram, Maria e Cláudio trabalharam em chácaras de famílias que a irmã os indicou, ela fazia faxinas e cozinhava, ele fazia serviços como cuidar da piscina, cortar grama e cedrinho.

Nos anos 2000 em Mairinque, nasceram os primeiros netos, filhos de Fabi com seu companheiro na época. O primogênito deles nasceu no fim de 2004 e faleceu com um mês e meio de vida no início de 2005; logo depois nasceu a Grazi e a Bia. As duas netas viveram sob os cuidados de Maria e Cláudio por alguns anos. A partir de 2010 a vida começou a complicar para a família naquela cidade. As donas das chácaras que Maria trabalhava não queriam registrá-la e *Cláudio ficou doente, de cama*. Por esses motivos, familiares de seu companheiro (sua irmã e seu cunhado) foram buscá-lo em Mairinque e o levaram para São Carlos para fazer tratamento. Logo em seguida se deu a quarta e última migração de Maria. Quase toda a família voltou de Mairinque para São Carlos em 2010, excetos os enteados: Fábio estava preso; Fabi e seu segundo marido lá permaneceram por algum tempo. Em 2011 nasceu em São Carlos a terceira filha da Fabi, a Pri. Logo depois, as netas Grazi e Bia que viviam sob os cuidados de Maria foram morar por dois anos em Itapevi com a mãe e seu segundo marido, padrasto delas. Enquanto conversávamos sobre tal momento que Maria ficou distante de suas netas, disse que foi uma época *terrível*.

No fim de março de 2011 em São Carlos, outro “processo de vida” importante: *o registro*, momento que Maria começou a trabalhar *nos meninos* (uma república de estudantes) com carteira assinada e lá permanece até hoje. *Vivendo de aluguel* em São Carlos, a família morou em diferentes bairros até ganhar a *casinha* do *Abdelnur* onde residem atualmente. Foram algumas migrações entre bairros: no início ficaram na casa da

¹⁰ Geralmente eles falavam sobre essa época que moraram *lá em São Paulo*. Depois fui entender que, na realidade, eles se referiam à Mairinque. Talvez eles se referissem dessa forma pela proximidade deste município com a região metropolitana de São Paulo. A distância entre Mairinque e Carapicuíba ou Osasco, por exemplo, é de no máximo sessenta quilômetros. Sobre informações de habitantes da cidade, ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/mairinque/panorama>. Último acesso em: 1/8/2018.

cunhada de Maria no Santa Felícia por aproximadamente um mês até que “nós arrumamos uma casa”. Pelo que pude entender, eles não ficaram muito tempo nessa habitação, pois logo em seguida mudaram para a *casa da Totó Leite*, localizada em um bairro mais central da cidade onde residiram por dois anos. De lá foram novamente para as proximidades do bairro Santa Felícia, onde também ficaram durante aproximadamente dois anos. A última casa que viveram antes da atual foi no bairro Santa Angelina em um terreno *invadido*.

A Fabi e seu ex-marido foram os primeiros a construir casa *na invasão*. Depois deles, Maria e Cláudio com ajuda dos filhos construíram outra *de tijolo*; vi fotos deste momento no *facebook*, quando todos levantavam os muros da casa. Enquanto conversávamos, Maria enfatizou que a casa tinha ficado ótima, diferenciou a deles que é construída *de tijolos dos barracos de tábuas* ou das casas *sem alicerce*. A família, então, optou pela “autoconstrução da casa própria” em uma ocupação para *sair do aluguel*. Além da família se isentar do valor do aluguel, na *invasão* também não pagavam contas de água e de luz - o que durou pouco tempo, porque em abril de 2016 *ganharam a casinha* que vivem hoje. Maria disse que nem ela, nem sua filha Gabi e nem outras famílias do terreno precisaram participar do sorteio. Por esse motivo, algumas pessoas que nunca havia morado ali, construíram *barracos* como estratégia para conseguir a casa. Como já ouvi mais de uma vez nas conversas da família, a Fabi foi a única que mora no terreno a não ser contemplada com a *casinha*, isso porque não fez o Cadastro.

Os anos foram se passando, as casas se reconfigurando e a família aumentando. O primeiro filho Fábio saiu da prisão e casou-se com Jéssica que já tinha um menino, o Fernando, hoje com oito anos de idade. Eles moram atualmente no bairro Jardim Gonzaga e o casal teve dois meninos gêmeos no mês de junho de 2018. Fabi se casou duas vezes e atualmente está sozinha, ela ainda mora no terreno *invadido* do Santa Angelina com suas quatro filhas: Grazi, Bia, Pri e Mari, hoje com 12, 11, 7 e 3 anos, respectivamente. Gabi se casou com Fernando e ainda não tem filhos, eles moram sozinhos em outra casa do *Abdelnur*. Bruno se casou com a Bela que já tinha uma filha, a May, de nove anos que mora com o pai. Agora o casal tem, juntos, três filhos: Belly com 4 anos, Dani com 2 e o último, Davi que nasceu no fim de junho do ano passado. Bela também *ganhou a casinha* do *Abdelnur* e lá reside com Bruno e as crianças. Rafael se casou com a Luciana, eles não possuem filhos e moraram juntos com Maria e Cláudio durante todo o período que fiz etnografia. No entanto, no fim de 2018 o casal se mudou para uma quitinete no bairro Cidade Aracy.

Nesse momento da trajetória de Maria, ela possui 45 anos de idade e Cláudio, seu esposo, faleceu em julho deste ano. Nos dias de hoje, como já dito, todos os cinco filhos moram na cidade de São Carlos, dois deles em casas próprias no *Abdelnur* e três em outros bairros: Fábio no Jardim Gonzaga, Fabi no Santa Angelina e Rafael no Cidade Aracy. Ao todo, Maria possui onze netos, incluindo Fernando e May - enteados de Fábio e Bruno. Durante os meses que mais visitei a casa de Maria, além do filho Rafael e da nora Luciana, residia o marido Cláudio, uma cachorra, um papagaio, uma galinha e um galo. No entanto, após sucessivas discussões de Maria, Cláudio e suas filhas com a nora Luciana, seu filho e ela se mudaram e a casa de Maria se reconfigurou.

A partir dos “processos de vida” de Maria, podemos pensar em diversos elementos interessantes e ricos para a análise sociológica. Em suas narrativas sobre o passado, os nascimentos, mortes, trabalhos, migrações, por exemplo, funcionam como marcos temporais nos “processos de sua vida e de sua família. Da mesma forma, as casas são apontadas a todo momento e funcionam igualmente como marcos, elas também dão sentido aos fluxos da existência de Maria. Desde o *sítio enorme* que morava com os pais e irmãos na infância até a *casinha do Abdelnur*, foram diversas as formas de habitação que Maria experienciou. Uma multiplicidade de nomeações possíveis dos modos de habitação são citados: o sítio, a chácara, a casa da cunhada, a casa na rua Totó Leite, a outra no bairro Santa Felícia, as casas que Maria pagava aluguel, a república, a de tijolos construída pela família no terreno invadido, a *casinha do Abdelnur*...

Não são só as casas que habitou ou trabalhou que aparecem nas falas, mas também outras com as quais compara às suas como, por exemplo, os barracões, os barracos de tábuas, ou a sem alicerce da filha. Em suas falas, percebe-se que as tipificações e as qualificações das casas não são triviais, elas carregam sentidos morais divergentes. Nomeia-se como um ato de classificação, criam-se diferenciações e hierarquias. No cotidiano, as comparações com as casas das vizinhas são constantes e durante esse processo a imagem da própria casa vai sendo (re)construída, sempre em relação umas com as outras. Ademais, a inter-relação entre as casas não se esgota somente nesse processo comparativo, na realidade elas fazem parte de uma rede de muitas trocas, afetos, cuidados, conflitos.

Ao contar sobre os “processos de vida” passados, Maria torna aparente a relação entre habitação e memória, especialmente quando fala que, ao retomar o lugar onde morava, ela consegue se lembrar em qual época recebeu o benefício do Bolsa Família: “Eu acho que eu recebi Bolsa Família, deixa eu ver, quer ver, fiquei um tempo lá em São Paulo,

lá em Mairinque. Lá eu fiquei recebendo e eu mudei para cá, ainda acho que eu recebi um ano e um pouco aqui”. Para finalizar, é interessante também perceber as relações entre sua vida e suas casas. No desenrolar da sua trajetória, as habitações se emaranharam num “processo de vida” comum, em que as casas e as pessoas estão inter-relacionadas.

*

Bela nasceu na cidade de São Carlos no fim de 1990, portanto possui hoje 28 anos de idade. Sua mãe biológica teve cinco filhos: dois meninos mais velhos antes de relacionar-se com seu pai e três com ele: Cris, Bela e seu irmão caçula. Já o pai teve sete filhos com três mulheres que ela saiba, pois não tem notícias dele há muitos anos. Com a primeira delas possui uma filha, a primogênita; com a segunda – a quem Bela frequentemente nomeia como madrasta e raramente como mãe – foram três filhos homens; por fim, com a última delas que era a mãe biológica de Bela, teve mais três crianças acima citadas. Além desses irmãos, sua madrasta teve mais três crianças que conviveriam sob o mesmo teto mais tarde, quando Bela fosse adolescente.

Desde o início de minha relação com Bela, ficou claro para mim que sua irmã Cris¹¹ significava muito para ela e o laço que possuíam era incomparável ao laço com seus outros irmãos, quiçá não se compara com qualquer outra pessoa marcante em sua vida. Cris surgia a todo momento nas falas de Bela, o falecimento precoce é um rompimento no fluxo do curso regular do cotidiano de Bela, é um marco em seu processo de vida. É um evento extraordinário que habita sua vida ordinária e que está embebido em seu cotidiano.

Outro evento significativo e trágico que trouxe consequências imediatas na sua vida: quando Bela tinha apenas seis anos de idade, sua mãe biológica faleceu. Ao lhe perguntar o motivo de sua morte ainda quando jovem, Bela mencionou a saúde debilitada da mãe que também possuía anemia falciforme e diabetes, mas que sua saúde se agravou após beber soda cáustica com pinga na tentativa de cometer suicídio. A partir de então, houve uma reconfiguração na casa, na família, na vida de Bela e seus irmãos, filhos de mesmo pai e mãe. Eles não tiveram mais contato com o pai que, segundo ela, sumiu e não quis saber de nenhum dos filhos. Nessa situação, foram para um *abrigo* em Descalvado – cidade próxima à São Carlos com população estimada de 33 mil habitantes¹² - e logo em

¹¹ De todos os irmãos, resolvi nomear somente Cris porque ela aparece diversas vezes durante a dissertação. Logo criança, Cris já sentia os sintomas desencadeados pela mesma doença que a mãe tinha, a anemia falciforme, o que fez com que Bela sempre a protegesse, lhe dedicasse cuidados exclusivos e tivesse uma atenção diferenciada para ela. As consultas aos médicos, os exames, as internações e os hospitais eram frequentes nas lembranças dos “processos de vida” de Bela, pois geralmente a acompanhava.

¹² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/descalvado/panorama>. Último acesso em: 1/2/2019.

seguida foram adotados por familiares de seu pai. Embora separados em casas distintas, eles moravam perto e continuaram se vendo. No entanto, não durou muito para Bela retornar ao abrigo porque, segundo ela, tinha um jeito que me definiu como *atentada*, batia na filha da mulher que a havia adotado. Distante de sua inseparável irmã Cris, Bela contou que na época ia ao fórum sempre que possível para pedir ao juiz que ficassem juntas, até que um dia sua irmã retornou ao abrigo - fato que conta com muita emoção e com enorme sorriso no rosto. Por outro lado, com o irmão caçula elas perderam totalmente o contato, já que ele permaneceu desde os sete anos com os pais adotivos em Descalvado. Bela e Cris ficaram no abrigo até seus 14 e 15 anos, respectivamente, quando a madrasta pegou a guarda das duas e as levou para sua casa em São Carlos. Bela me disse que o juiz acatou o desejo de Cris que nesse momento conseguiria finalmente realizar seu sonho de ter uma família.

Para além da mudança de Descalvado para São Carlos e do abrigo para a nova configuração de casa (onde morava a madrasta, com suas filhas e os irmãos de Bela por parte de pai), outras mudanças significativas ocorreram durante esse período. As narrativas de Bela desse momento remetem a sua adolescência e juventude, quando diz, por exemplo, ter apresentado seu cunhado para Cris, um dos meninos mais bonitos da escola, com quem se casaria, teria filhos e ficaria até seu falecimento.

Em mais de um momento na entrevista, Bela demarca a diferença entre o bairro que morava na casa de sua madrasta, Cruzeiro do Sul, do bairro onde fica a escola, o Gonzaga, este que classifica como *favela*. Sua narrativa de distinção não fazia menção somente ao lugar, mas também aos alunos *favelados* que ali estudavam, independentemente de onde moravam. Tal rotulação que marca diferenciações e cria hierarquias foi mencionada enquanto me dizia sobre os meninos que se interessavam – sem sucesso - por ela. Enquanto conversávamos sobre suas relações com os meninos na juventude, Bela me explicava quais eram suas ponderações diante de um processo reflexivo que levava aos seguintes atos: por serem *favelados* e por não terem *onde cair mortos*, não ficaria com nenhum deles. No entanto, com David era diferente. Por mais que estudasse no mesmo colégio, ele tinha atributos consideráveis: *fazia Tiro de Guerra*¹³, era bonito e era amigo de seu cunhado. Bela, então, se interessou por ele e quando tinha 17 anos, eles ficaram pela primeira vez.

¹³ Frase que faz referência a quem serve ao exército.

Nesse período, sua irmã Cris saiu da casa da madrasta, casou e foi morar em Ribeirão Preto. Lá ficou com o marido por três anos e teve sua primeira filha. Nesse ínterim, Bela também engravidou de David e teve May, aos 19 anos. Durante a gravidez, contudo, terminou o namoro porque descobriu que David foi à uma festa sem avisá-la. Bela não gostou e passou um tempo com a irmã em Ribeirão Preto, onde ficou até os seus seis meses de gestação. Depois retornou à São Carlos e, quando May tinha quatro meses de vida, retomou o namoro com David e foram morar juntos, mas não chegaram a casar *no papel*. A partir dessa idade, Bela mudou de casa diversas vezes: morou novamente na madrasta; na *casa da sogra*, com David e a irmã dele; em uma casa alugada por David, onde morou ele, Bela e a filha e, por fim, também morou sozinha com a filha em uma quitinete. Quando Cris voltava para São Carlos, passavam dias juntas na casa que ainda tinha no bairro Gonzaga. É difícil compreender quais foram as configurações de casa em cada momento da sua vida, porque terminou e voltou com o David algumas vezes, também foi e voltou para a casa da madrasta, da sogra e da irmã.

No final de dezembro de 2012 quando completaria seus 23 anos, Bela tomaria algumas decisões importantes na sua vida. Primeiro porque *pediu as contas* onde trabalhava. O motivo, segundo ela, era que ficava muito pouco com a sua filha May. Por ter pedido demissão, também entregou a casa onde morava, já que não teria mais condições de pagar e voltou para sua madrasta. A segunda decisão foi o rompimento definitivo do relacionamento com David. A partir de então e muito rapidamente, Bruno entrou na sua vida para ficar até hoje. Tudo começou com a amizade de Cris e de Fabi, irmã dele, quando frequentavam cultos aos domingos. Na igreja elas se aproximaram, bem como os maridos das duas. Bela contava isso com uma feição que eu já conhecia bem, típica de quando sentia ciúmes de alguém. Naquela véspera de natal em 2012 (também seu aniversário), Cris e seu cunhado passariam a ceia na casa do casal de amigos: Fabi e seu marido. Bela resolveu ir junto, pois queria ficar com a sua irmã. A família toda de Fabi estava lá: Maria com todos os seus filhos, inclusive o Bruno com 18 anos na época. E ali no bairro Santa Felícia foram trocados os primeiros olhares entre Bela e seu novo paquera.

Bela e Bruno começaram a namorar, depois foram morar juntos na casa de Maria. Em 2014, Bela engravidou e teve sua segunda filha, a Belly. Em 2015 nasceu a terceira menina, Dani. Também em 2015, ocorreu o evento que mais marcou a sua vida - o falecimento da irmã Cris. Como se percebe, os “processos de vida” de Bela e de sua irmã se combinam nas linhas deste texto, pois era dessa forma que Bela me contava dos eventos.

Nas suas falas, ela reflete sobre as situações e sobre seus atos quase sempre levando a irmã em consideração.

Desde o momento que Bela e Bruno foram morar juntos, May passou a viver com o pai. Quando tocávamos nesse assunto, Bela dizia sobre a situação confortável que a filha vive atualmente na casa dele e da madrasta, já que não precisa dividir nada com nenhuma irmã, tem tudo para comer, tem brinquedos. Também era comum queixar-se quando ficava muito tempo sem vê-la, dizia que sentia falta. Essa queixa também se refere ao deslocamento e impossibilidade de ir até o bairro que a filha mora.

Bela é titular do PBF há cerca de quatro anos, passou a receber o benefício em 2014 quando estava grávida da segunda filha, Belly, e atualmente recebe um pouco mais de 400 reais por mês. Em 2016, ela e a família se mudaram para as *casinhas do Abdelnur*, fato que conta com orgulho, pois *foi atrás de tudo sozinha* e foi sorteada. O caso de Bela é diferente do de Maria, sua sogra, que não precisou participar do sorteio já que morava na ocupação e estava entre os casos prioritários do PMCMV. Quando o assunto do sorteio vinha à tona nas nossas conversas, era comum que Bela comentasse de sua cunhada Fabi e da concunhada Jéssica que *não foram atrás* e, por isso, não conseguiram a casa como ela.

Há “processos de vida” de Bela que não ficaram tão claros para mim. Por exemplo, ficou nebuloso o período entre o final de abril de 2016 (quando se mudou para as *casinhas*) e abril de 2018 (quando nos conhecemos).¹⁴ O que Bela comentava sem muita minúcia era que ela e Bruno brigaram, se separaram e ele foi morar na *casinha* de sua mãe, Maria. Também nesta época, ele começou a se relacionar com a vizinha da casa ao lado, colada à de seus pais. Depois Bela e Bruno retomaram o relacionamento e ele retornou para a casa que vivem juntos novamente. Sobre essa mulher que se relacionou com Bruno, Bela comentava frequentemente que era sua inimiga, mencionava xingamentos e contava do dia que bateu nela. Enfim, eram somente esses fatos que eu soube por Bela sobre tal período.

Maria comentou comigo outras coisas, uma única vez. Segundo ela, o Bruno quis se separar, foi morar com a mãe e nesse tempo a casa de Bela pegou fogo. Em razão desse acontecimento, ela e as duas meninas também foram morar com a Maria. “Elas tiveram que vir para cá, né, minhas netas, lógico que eu ia receber”. Maria desconfia que foi Bela quem colocou fogo na própria casa, pois queria chamar atenção de Bruno e queria que eles

¹⁴ Sei de eventos que ocorreram durante estes dois anos, mas suspeito que são questões íntimas, delicadas e que existe certo silenciamento por parte dela e da família. Aos poucos fui percebendo isso e não quis insistir em saber, mas acho que os silêncios e intimidades também nos ajudam a pensar nas escolhas que Bela fazia em me dizer com detalhes sobre certos períodos e eventos e não sobre outros.

ficassem juntos. Por sorte, segundo Maria, a PROHAB (Progresso e Habitação de São Carlos) reformou toda a casa e eles voltaram para lá. Maria também comentou sobre a briga entre Bela e a vizinha e disse em seguida que a nora não é fácil. Aos poucos, fui me tornando mais próxima de Bela do que de Maria e acredito que não tocou mais no assunto comigo por esse motivo. Existia um silêncio, mas, como eu disse, não é necessário investigar aqui a veracidade dos fatos e nem os tratar como diferentes versões da mesma história. O que interessa é analisar quais são os sentidos que minhas interlocutoras dão aos seus “processos de vida”, o que me contam ou não e como me contam.

Seguindo os “processos de vida” de Bela, em junho do ano passado, nasceu o último filho do casal, Davi. Depois de *lutar muito*, de algumas negociações com as enfermeiras e com a médica, Bela conseguiu fazer a laqueadura no mesmo momento da cesárea. Agora estamos em setembro de 2019: nesse momento Bela tem 28 anos de idade e seu marido Bruno possui 23; ele foi preso em fevereiro deste ano e segue na penitenciária de Araraquara¹⁵. Na *casinha do Abdelnur*, Bela mora atualmente com três de seus quatro filhos: Belly, Dani e Davi.

Como se percebe, os “processos de vida” de Bela e das pessoas ao seu redor também se relacionam com as casas. Ademais, suas memórias do passado se imbricam com as memórias das configurações de casas que viveu, trabalhou ou que mantinha relações de alguma forma. O abrigo na infância; as casas da família que a adotou e dos pais adotivos de seus irmãos; o abrigo novamente na adolescência; a casa da madrasta na juventude; as casas dos colegas de escola na *favela* do Gonzaga; a de Marleide, sua melhor amiga; a casa que fazia bicos olhando as crianças; a da irmã Cris em Ribeirão Preto e em São Carlos; a quitinete que morou sozinha já maior de idade com sua filha; a casa da mãe e irmã de David; a casa de Fabi onde conheceu Bruno; as diferentes casas de Maria; a de May, sua filha; a das vizinhas; das cunhadas; da irmã que também mora no bairro; a *sua casinha do Abdelnur...*

É interessante percebermos que quase sempre as menções às casas vêm acompanhadas de nomes femininos: casa da minha madrasta, da minha irmã, da minha sogra, etc. Nos “processos de vida” de Bela, as motivações para mudar de habitação

¹⁵ Com a voz lenta e baixa ao telefone, nitidamente abalada, Bela me contou como foi: seu filho Davi usava a última fralda que tinha na casa e Bruno lhe disse que sairia para comprar, porém ele só voltou com a viatura da polícia que entrou na casa, revistou tudo e “encontrou mais coisas”. Bruno e um adolescente menor de idade abordaram uma mulher e roubaram seu celular. A polícia os parou a caminho do Abdelnur, os revistou e encontrou o celular e duas facas. Os dois foram presos e a vítima os reconheceu.

estavam associadas, muitas vezes, aos conflitos entre mulheres no interior da casa. E esses conflitos eram justificados pela manutenção da própria casa como, por exemplo, problemas de limpeza e faxina. Bela citou isso quando foi para a casa da família que a adotou, também dizia das brigas que tinha com a filha da madrasta, depois com a mãe e a irmã de David. No convívio cotidiano, as formas de manter a casa eram divergentes ou, então, ficavam desiguais - uma fazia mais e a outra menos - e assim se davam os conflitos.

É evidente que as mulheres são centrais nas moradias e nas relações entre elas, são elas as principais agentes na gestão das casas, do cuidado e do cotidiano. Mas isso não quer dizer que as mulheres estão ligadas às casas em oposição a um universo ‘público’, que supostamente existiria. Na realidade, estão ligadas às casas por meio de práticas ordinárias que produzem domesticidade e, da mesma forma, produzem as bases da economia cotidiana, da política cotidiana.

Os “processos de vida” de Bela também nos ajudam a visualizar novamente como as formas de viver acompanham as formas de morar (e vice-versa). E esse processo é contínuo, não cessa, estão em perpétua transformação. Não é porque agora são moradoras da *casinha do Abdelnur* e que possuem a casa própria tão desejada, que não seguirão buscando novas formas de habitar. Elas seguem cotidianamente nesse processo de (re)habitar casas, vidas, mundos.

O evento do incêndio na casa de Bela é emblemático. Pensando hipoteticamente que o fogo tenha sido causado por ela, podemos afirmar: por mais que se alcance o sonho da casa própria e tudo que envolve simbolicamente e materialmente essa conquista (difícil de ser mensurada), que se livre do aluguel, que se pague prestações muito baixas, naquele momento não foi isso que a prendeu à casa física. Isso porque a casa se refere não somente à construção material, mas também as relações estruturais e simbólicas dentro delas e entre elas, se refere às pessoas que as habitam. Ou, por outro lado, se pensarmos que o fogo foi acidental, a partir desse evento Bela também buscou estratégias possíveis, mobilizou sua rede de casas, de pessoas, para conseguir outra forma de habitar, de viver.

Araujo Silva (2017) nos mostra como algumas metáforas biológicas nativas utilizadas em seu campo apreendem dinâmicas relacionadas à vida humana e, ao mesmo tempo, às suas casas. A autora apresenta analogias de seus interlocutores que concebem a configuração das casas como um organismo vivo, exemplifica como as casas morreriam sem as ajudas que fluíam entre elas. No caso de Bela, romper a relação com o marido, com a família e com a casa de Maria seria, no limite, a morte de sua própria casa.

*

Ana nasceu nos anos 1990 na cidade de São Carlos. Seus filhos, irmãos, pais, tios e avós também nasceram na cidade. Ela nunca morou em outro lugar. E mais, Ana cresceu no bairro Jardim Gonzaga e por lá ficou durante muitos anos. Como sempre dizia: “Sou nascida e criada na *favela*”. Sua trajetória e de sua família, portanto, não é marcada por mobilidades entre estados, cidades, bairros e nem entre casas. Durante seus 27 anos, os únicos deslocamentos do *Gonzaga* para outros bairros foram somente dois: o primeiro deles muito rápido, quando se casou e se mudou com o novo marido para o bairro Antenor Garcia por seis meses; o outro se refere a experiência atual enquanto moradora do *Abdelnur*.

Aos 16 anos, a mãe biológica de Ana conheceu seu pai. Nessa época, em sua visão, a mãe se tornou usuária de crack por influência dele. Em 1990, engravidou e ele não quis assumir a filha. No mesmo ano, conheceu o padrasto de Ana com quem ficou até o fim de sua vida. É seu padrasto, portanto, quem Ana considera como pai. E quem ela chama de mãe é, na realidade, sua avó materna. Isso porque seus pais biológicos não a criaram. Quando Ana tinha somente dois meses de vida, ela passou a viver sob os cuidados da avó.

“Cinco tiros no peito. Não, quatro no peito e um na cabeça”. Foi dessa forma que seu pai biológico faleceu quando Ana tinha nove anos de idade. Antes disso, ela chegou a conhecê-lo, mas quase não conviveu com ele. Pelo lado materno Ana é filha única, sua mãe engravidou mais quatro vezes, mas perdia o bebê quando chegava nos quatro ou cinco meses de gestação. Pelo lado do pai, por sua vez, Ana tinha três irmãos mais novos que ela: uma mulher com 22 anos de idade e dois homens com 20 e 19. Segundo ela, atualmente “um está preso por homicídio, 15 anos de cadeia, o outro é traficante e a outra é rapariga mesmo [...] Um mora no *Gonzaga*, outra mora aqui no *Aracy* e o outro está preso né? Mas o outro quando sair vai vir para a minha casa”.

A partir dos oito anos de idade, Ana passou a conviver com sua mãe biológica e com o padrasto. Eles construíram dois cômodos nos fundos da casa da avó e para lá se mudaram. A respeito do relacionamento com a mãe a partir desse período, afirma ter sido difícil porque sofreu diversos tipos de agressões; já com o padrasto menciona boa convivência. Diferentemente da forma como fala sobre a mãe, Ana traz elogios ao padrasto em suas narrativas. Segundo Ana, quando era criança ele trabalhava na Faber-Castell - uma das fábricas que existe em São Carlos e que atualmente emprega cerca de duas mil pessoas. Hoje ele tem 47 anos e mora em um bairro distante de sua casa, mas a ajuda

financeiramente. Na visão de Ana, ele sempre foi um homem guerreiro, trabalhava muito e *não deixava faltar nada em casa* para sua mãe. As expressões: *não deixa faltar nada em casa* ou *bota comida na mesa* são comuns de ouvir e demonstram o quanto é importante socialmente que o homem seja o provedor do “*dinheiro da casa*”, tal atributo tem um valor moral relevante.

Com 13 anos de idade, Ana diz que entrou para o *mundo do crime*¹⁶ e ficou por cerca de dois anos. Apesar de muitos dos seus amigos usarem drogas, Ana diz que nunca gostou. “Entrei no mundo do crime? Entrei. Mundo das drogas? Nunca entrei”. Também nesse período, Ana conheceu e namorou com o homem que, como diz a todos, é o amor da sua vida até hoje: o Beto. Ana diz que não foi Beto quem a incentivou a entrar no *mundo do crime*. Pelo contrário, mesmo que fosse *envolvido*, ele não a apoiava que ficasse, sempre pediu que saísse *desse mundo*. Concomitante a esse período, Ana interrompeu os estudos na sexta série.

Nessa época, seu namorado Beto fez um assalto e foi preso. Logo após, a mãe de Ana descobriu que estava *envolvida*, bateu nela que, então, resolveu sair. Esse período também coincidiu com a descoberta de que Beto estava com ela e sua ex-mulher ao mesmo tempo, “para mim foi um choque”, ela disse. *Largou mão*, começou a *sair para baladinha* e passou a se envolver com Maurício. “Depois eu conheci esse traste, não, esse abençoado né?”, foi com essa a frase em tom irônico que começou a falar sobre seu ex-marido. Segundo ela, sua relação com Maurício começou como amizade e foi se tornando mais forte aos poucos, até que Ana engravidou dele e *amigou*.

Aos 16 anos, quando estava no sétimo mês de gravidez, sua mãe faleceu. O motivo: “Depois que ela morreu, a gente descobriu que ela estava com HIV. Teve um tumor no seio, arrancou, depois de uns cinco anos, o tumor voltou e foi para o estômago, então ela veio a falecer”. Em novembro de 2007, com quase 17 anos de idade, nasceu sua primeira filha com Maurício. Nessa época, eles moravam no bairro Antenor Garcia e gastavam com aluguel. Como a mãe de Ana havia falecido e o padrasto se mudou, decidiram voltar a morar nos dois cômodos do fundo da casa da avó para não gastar mais com moradia. Pesava também o fato de Ana não ter gostado do bairro. A partir de 2008, então, a família mudou-se para o *Gonzaga* novamente. Em 2011 nasceu o segundo filho de Ana, o Ismael. No ano

¹⁶ Como se percebe na fala de Ana, o *mundo do crime* é uma noção êmica, por isso a utilizo em itálico. Tal como Gabriel Feltran nos mostra a partir de suas pesquisas nas periferias de São Paulo, *mundo do crime* é uma “expressão que designa o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem, prioritariamente, no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos” (2011, p.19).

seguinte ao nascimento dele, outro marco em sua vida: faleceu a avó materna que cuidou de Ana. O que diz ter lhe ajudado naquele momento foi sua religião. Com 21 anos de idade, Ana já havia perdido seus pais biológicos e sua avó (mãe de criação), estava *amigada* e tinha dois filhos. Em 2014 nasceu o terceiro filho Lucas; a última das quatro cesáreas foi a de Fernanda em 2016. Hoje Laura, Ismael, Lucas e Fernanda têm 11, 6, 4 e 2 anos, respectivamente.

Em abril de 2016, Ana *ganhou sua casa* própria, tornou-se mais uma das titulares moradoras das *casinhas* do *Abdelnur*. Assim como Maria, Ana disse não ter participado do sorteio, mas a situação dela era diferente: passou pelo CREAS e pela casa abrigo há três ou quatro anos quando fugiu com seus filhos da casa que morava com Maurício, pois corriam riscos de morte. Segundo ela, as mulheres que passaram por lá tinham preferência para ganhar a casa do PMCMV, sem precisar participar do sorteio. A sucessão dos fatos que me contou foi a seguinte: Maurício a ameaçava dizendo que *tacaria fogo* nela e nos filhos até que certo dia Ana encontrou os litros de gasolina escondidos. Foi, então, em busca de ajuda de assistentes sociais e ficou na casa abrigo por quinze dias. Depois disso, o ex-marido saiu da casa e Ana voltou com os filhos para lá, no entanto perdeu todos os seus pertences, pois roubaram em sua casa.

Mais para frente, Ana voltou novamente com Maurício. Entre idas e vindas do casal, eles moraram juntos por doze anos, mas apenas em maio de 2017 se casaram no civil. Exatamente um ano depois eu estava em sua casa, no mesmo dia e horário. Eu a escutava e observava sua feição triste ao me contar a seguinte história: na segunda-feira eles assinaram os papéis; na terça seu irmão foi preso; na quarta Ana estava no hospital com sua cunhada, irmã do marido, que deu a luz à um filho prematuro; na quinta o pai do noivo (seu sogro) faleceu e, no sábado, dia 20, Ana teve uma das maiores decepções de sua vida: não realizou o sonho da festa de casamento. Para ela, era um sonho não realizado, era um evento extraordinário que deixou marcas na sua memória. E o extraordinário está embebido e constitui o ordinário, a festa de casamento era constantemente lembrada e sentida por Ana. A partir disso, ela precisou reabitar o mundo, quis a separação e *luta* por ela.

Ana e seus quatro filhos seguiram habitando a *casinha do Abdelnur*. “Ah, mas nós vamos morar no *Gonzaga* mais uma vez!”, entrevi Lucas, seu filho de 4 anos, quando conversávamos sobre as diferenças entre os bairros. Era muito comum ouvir reclamações das crianças sobre o *Abdelnur*, a Laura, por exemplo, sempre me dizia que sentia falta da

outra escola, do projeto que participava, das amigas, do movimento. Do mesmo modo, também era frequente que Ana comparasse os dois lugares, na entrevista disse que na *favela* podia contar com mais gente para cuidar dos seus filhos quando precisasse, as pessoas se ajudavam com comida, tinha mais amigos, familiares e sentia-se mais segura. No entanto, encerrou sua fala dizendo: “Mas só de saber que aqui eu tenho minha casa, minha porta... Eu morava em dois cômodos”.

Em 2018, Ana e as demais herdeiras de sua avó materna venderam a casa do *Gonzaga*, a mesma que morou por mais de vinte anos. Com o dinheiro, finalmente construiu o tão sonhado muro de sua *casinha no Abdelnur*. Nessa época eu frequentava a casa e acompanhei em partes esse processo: primeiro Ana comprou o material de construção necessário, depois pediu ajuda para homens conhecidos do bairro que, juntos, levantaram o muro e pintaram a parte externa de azul. Ana chegou a me mostrar as fotos no celular que tirou desses dias, contava feliz e orgulhosa que não precisou gastar com pedreiro. Outra vontade de Ana era de construir um comércio no quintal da casa, contava-me suas ideias como abrir um restaurante com música ao vivo, onde pudesse vender os salgados fritos que fazia antes.

“Não vejo a hora de levantar meu muro” ou “finalmente levantei meu muro” eram frases comuns de se ouvir pelo bairro. Já fazia tempo que Maria com a ajuda de seus filhos construiu o seu. Segundo ela, a família toda se juntou e fez tudo, a experiência anterior de levantar a casa na *invasão* ajudou. Ano passado também pintaram toda a parte interna da casa. Bela ainda não tinha o seu, mas sonhava com ele. Lembro-me de um dia, enquanto caminhávamos - eu, ela e seus filhos - pelo bairro, observávamos cada obra, cada muro, qual achávamos bonito e qual não.

No bairro existia toda uma multiplicidade de muros, desde muito altos, com portões elétricos e modernos até improvisados com paletes. O desejo de construir o muro pode ter significados diversos, mas os pontos mais tocados são: a possibilidade de ter maior privacidade e segurança. No caso de Ana, o muro a deixava mais segura, principalmente quando os filhos ficavam sozinhos, ou seja, a construção do muro e a transformação da casa estão intimamente relacionados ao cuidado com seus filhos. Um aspecto a ser considerado é que estas transformações são observadas e avaliadas pelos vizinhos diariamente, comenta-se a qualidade do serviço, o tipo de material utilizado, qual foi a mudança feita, se aumentaram a cozinha, se também levantaram o muro nas laterais e fundo, se sobrou ou não material, se gostaram ou não do resultado, etc. Com isso, alimenta-

se a reputação das pessoas como trabalhadoras, por exemplo, e o muro costuma ser interpretado como um sinal de progresso. Comenta-se também que as transformações podem causar inveja, *olho gordo*.

Diversos marcos temporais são utilizados por Ana no presente para reconstruir às memórias passadas: os nascimentos, os falecimentos, as agressões, as casas. Se olhamos para os “processos de vida” dela, é evidente que não houve tantos deslocamentos entre casas físicas quanto Maria e Bela. No entanto, se analisamos com cuidado, ocorreram mudanças significativas nas configurações de casas e de pessoas em sua vida. As transformações das casas se relacionam com os ciclos domésticos, com os diferentes momentos na vida coletiva de um grupo familiar. Nos primeiros meses de vida, morou com a mãe biológica, mas logo sua avó materna (mãe de criação) passou a cuidar dela. Com oito anos de idade, a mãe e o padrasto construíram dois cômodos nos fundos da casa dessa avó e, a partir daí, Ana passou a conviver com eles. Quando estava grávida, foi morar no bairro Antenor Garcia com Maurício, ficaram apenas seis meses e retornaram para os dois cômodos no *Gonzaga* com a filha Laura recém-nascida. Eles voltaram porque a mãe de Ana havia falecido e o padrasto foi para outra casa. Lá eles não precisariam gastar com aluguel e Ana voltaria para o bairro que cresceu e no qual se identificava. Depois nasceram seus dois meninos e a família continuou na casa. Em seguida sua avó materna faleceu. Ameaçada por Maurício, foi para a casa abrigo e ficou por quinze dias. Quando retornou, sua casa estava sem os objetos que antes tinha. Mais transformações: a volta com Maurício, o *ganho* da casa no *Abdelnur*, a mudança para lá, o nascimento da última filha, a separação, a construção do muro. Hoje com seus 28 anos, ela (re)habitou diversas configurações de casas e pessoas, de vidas e de mundos.

Motta (2014, 2015) nos mostra em sua pesquisa no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro como novas casas se constituem e como são construídos os laços entre as casas. Ou seja, como uma nova casa é fruto de outra(s) e a ela(s) permanece ligada. Por exemplo, aqueles que são cuidados muitas vezes constituem novas casas com a ajuda da casa dos pais, o que demonstra de certa forma o fim dos cuidados e o início da possibilidade de cuidar de outros: seus próprios filhos ou, mais para frente, dos familiares mais velhos. Vale lembrar que não necessariamente a lógica dessa relação é baseada no vínculo de origem (entre pai e filho), mas em relações construídas cotidianamente e ao longo do tempo. Com isso, a autora defende que o ideal de autonomia e as assimetrias das relações de cuidado são a base, o fundamento, a gênese tanto das relações que constituem a casa quanto da

relação entre a nova casa e aquelas das quais se origina, nisso se inclui também moralidades e obrigações mútuas. Segundo Motta, a casa é fundada na interdependência entre aqueles que se importam e que são cuidados.

Embora sejam diferentes os casos empíricos que trago aqui dos de Motta no Complexo do Alemão - situações em que os próprios pais constroem casas para os filhos que se casaram ou para as filhas que engravidaram -, os “processos de vida” de Ana também exemplificam o argumento da autora. Pois bem, mesmo que a avó de Ana não faça parte da construção em si, ela participa ativamente desse processo de constituição de uma nova casa para a própria filha e para a neta. Primeiro porque cedeu o terreno do fundo, possibilitando que a mãe e o padrasto de Ana construíssem os dois cômodos. Mais para frente, quando Ana estava grávida de Laura e se mudou com o ex-marido, sua avó os presenteou com os eletrodomésticos essenciais: geladeira, fogão e *tanquinho*. Depois permitiu que eles retornassem e morassem nos dois cômodos por anos. Por fim, é interessante pensarmos que até o dinheiro herdado da casa da avó possibilitou a construção do muro da *casinha do Abdelnur*. Isso demonstra – entre vários outros exemplos tratados no texto da dissertação - que as relações assimétricas de cuidado constituem a casa em si e a relação entre as casas, as formas de cuidado estão conectadas com as formas de habitar casas e vidas.

Outro ponto importante a ser mencionado aqui é que os “processos de vida” de Ana evidenciam que essa lógica de relação nas casas e entre casas - que envolve cuidado, obrigações, moralidades - não necessariamente está num vínculo de origem de pai e filho, mas em relações construídas cotidianamente e ao longo do tempo. Foi sua avó materna quem sempre lhe dedicou cuidados e quem a ajudou com os objetos, não sua mãe. Da mesma forma, até hoje se mantém o laço entre a casa de Ana e a do padrasto que a ajuda financeiramente. As trocas entre as casas são fundamentais para compreender que os laços de parentesco são construídos no cotidiano.

É interessante apontar o quanto combinam-se as ideias de casa enquanto espaço – material e simbólico - de autonomia e de cuidado. Somam-se a isso as moralidades, fofocas, reputações que acontecem em torno delas. Socialmente, espera-se por exemplo que a casa seja composta por pai, mãe e filhos; é desejável que primeiro se tenha uma casa para depois se ter um filho, etc. No caso de Ana, isso é evidente quando a mãe diz que a expulsaria de casa caso engravidasse e a partir daí existe todo um esforço, tanto de Ana, quanto de Maurício e sua avó de constituir uma nova casa que socialmente dê a aparência

concreta de autonomia. Por ter engravidado, era desejável e se fez um esforço para que Ana constituísse uma nova casa com o pai da criança; no universo de possíveis, era isso que fazia mais sentido e foi dessa forma que a família agiu.

*

Rosa nasceu em 1982 na cidade de Araraquara/SP e hoje, portanto, possui 36 anos de idade. Seus pais se separaram logo após seu nascimento e, então, diz não ter conhecido o pai biológico. Ela tinha esperanças de que aparecesse na porta de sua casa nas datas de seu aniversário, porém isso nunca ocorreu e a única notícia que teve dele foi por seu tio que disse ter sido “assassinado em Araraquara no meio de um canavial”. Rosa é a filha mais velha de sua mãe que, por sua vez, teve mais duas meninas: engravidou de *um ficante* com quem teve a filha do meio e por último teve a caçula que é filha de seu padrasto atual. A irmã do meio de Rosa nasceu com paralisia e faleceu aos 22 anos.

Quando Rosa ainda era criança, sua mãe conheceu o padrasto - com quem está até hoje. Eles não demoraram a mudar de cidade. Como sua avó morava em São Carlos, cedeu um terreno na sua própria casa para que Rosa, sua mãe e o padrasto morassem e, com isso, eles migraram de Araraquara para São Carlos. Rosa diz que desde criança já trabalhava ajudando a avó na colheita de algodão e sua mãe na de laranja. Como se mudaram para São Carlos, Rosa diz que muito de sua criação foi dada por seus avós maternos: a avó, por exemplo, dedicou cuidados à irmã com paralisia. Em 1992, quando Rosa tinha dez anos de idade, o seu avô – por quem sentia muita estima e considerava como pai - faleceu aos 65 anos. No dia de seu enterro, Rosa tomou vários remédios fortes com a intenção de cometer suicídio. “Eu vi a morte secar na minha boca”, ela disse.

Em nossa primeira conversa, não demorou nem um minuto para Rosa mencionar o primeiro e os sucessivos abusos sexuais e espancamentos realizados por seu padrasto. Sua infância e sua adolescência são narradas em torno dessa relação violenta. Com o decorrer do tempo, mais espancamentos até chegar um momento que Rosa não dormia mais e tinha crises de desmaio. Nessa época, conheceu Marcus que possuía 27 anos e morava em Águas de Lindóia. Por não aguentar mais as agressões, Rosa fugiu de casa e mudou-se com ele para Santo Antônio de Posse¹⁷ – cidade que Marcus arrumou uma casa para eles morarem juntos e um novo trabalho na safra de laranja.

¹⁷ Cidade localizada no interior do estado de São Paulo, com população no último censo de 20 mil pessoas (IBGE, 2010). Informações disponíveis no link: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santo-antonio-de-posse/panorama>. Último acesso em: 1/3/2019.

A partir daí é iniciada uma nova etapa na trajetória. Esse período, no entanto, inclui outros problemas que envolviam propriamente o relacionamento com a sogra e com a cunhada mais nova que também se mudaram com eles. Os motivos das brigas eram referentes à manutenção da casa, as tarefas desiguais de louça e limpeza, por exemplo. Elas também duvidavam que fosse dele a filha que esperava nascer, isso porque não demorou para Rosa engravidar pela primeira vez. Em uma passagem não menos triste que as anteriores, ela narra em minuciosos detalhes o aborto - sugerido que fora causado por excesso de esforço físico quando deslocava um colchão molhado - aos cinco meses de gestação daquela que seria sua primeira filha, aos 16 anos de idade.

Foi por pouco tempo que moraram em Santo Antônio de Posse/SP, cidade próxima à Holambra/SP¹⁸, pois logo eles se mudaram para Ouro Fino/MG¹⁹. A migração entre estado e cidades acompanha os períodos de oferta de trabalho na colheita do café, laranja, algodão, cana-de-açúcar e da produção e manejo das flores – atividades que Rosa e Marcus trabalharam. Ela sente falta da época em que mexia com crisântemos, bulbos, violetas e rosas em Holambra. Dizia-me até dos cheiros, também mencionava de forma positiva e nostálgica os trabalhos *na laranja*.

Rosa engravidou novamente em Ouro Fino e teve em 2001 seus dois primeiros filhos gêmeos, o Pedro e o João. Quando estava grávida, Rosa lamenta que as agressões físicas de Marcus se iniciaram. Em 2003, o casal voltou para São Carlos, onde Rosa trabalhou novamente na safra de laranja enquanto sua sogra ficava com os netos. No ano de 2005, nasceu Bruno, terceiro filho do casal. Depois eles migraram outra vez para Ouro Fino/MG e Rosa teve em 2007 seu quarto filho, Miguel, hoje com 11 anos de idade. Em seguida, a última migração: retornaram à São Carlos e a partir daí não mudaram mais de cidade, somente de casas. Em 2012 nasceu o último filho do casal, Leo, que hoje está com sete anos recém-completados. Como mencionado, ao todo Rosa teve cinco gestações: na primeira delas perdeu a menina, depois teve os cinco filhos homens. É impossível escrever sobre os “processos de vida” de Rosa sem escrever sobre eles, porque praticamente todas suas falas giravam em torno dos *seus meninos*. Como ela dizia, sua preocupação com eles sempre vinha antes da preocupação consigo mesmo: “Você vê, eu tenho 35 anos, estou em

¹⁸ Cidade localizada no interior do estado de São Paulo, com população no último censo de 11 mil pessoas (IBGE, 2010) e população estimada de 14 mil (IBGE, 2018). Informações disponíveis no link: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/holambra/panorama>. Último acesso em: 1/3/2010.

¹⁹ Cidade localizada no interior do estado de Minas Gerais, com população no último censo de 31 mil (IBGE, 2010) e população estimada de 33 mil (IBGE, 2018). Informações disponíveis no link: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-fino/panorama>. Último acesso em: 1/3/2010.

um corpo de 50, porque são meus filhos em primeiro lugar”. Dessa maneira, nas falas sobre seus “processos de vida”, as crianças eram sempre centrais, os marcos em sua trajetória muitas vezes se referem aos eventos ocorridos com um dos cinco meninos. Foram várias as histórias que me contou de nascimentos, hospitais, internações, cirurgias, doenças, acidentes de bicicleta, atropelamentos...

A partir de 2014 a situação do casamento só se agravava. Rosa significava esse momento como um processo com etapas sucessivas: Marcus passou a chegar tarde, o “*dinheiro da casa*” começou a faltar, ela cobrava a comida e a atenção aos filhos, ele ficava nervoso, as agressões contra ela se tornavam constantes e cada vez mais fortes, até o momento que tentou matá-la com uma faca. “Eu já sabia, ele estava me traindo”, ela dizia, pois chegar tarde e faltar dinheiro em casa já eram evidências claras para Rosa de que ele mantinha relações extraconjugais.

Quando Marcus assumiu que estava se relacionando com outra mulher, ele impôs que Rosa saísse de casa. Ela se negou, chegou a pegar uma *extensão*, enrolar em seu próprio pescoço, ameaçando se matar na frente de todos os filhos que viam a discussão, até que o ex-marido chamou a polícia. Em seguida, relata outro evento: a facada que Marcus lhe deu na testa. Rosa havia saído com o filho mais novo para fazer exames e quando retornou para casa o ex-marido tinha sumido com suas roupas; ela, então, disse a ele que não gostava que mexesse nas suas coisas. Logo após essa discussão, ele foi em sua direção com a faca e a acertou na testa. Rosa acredita que ele planejava matá-la, mas com ajuda de seu filho Bruno que o enfrentou, conseguiram sair da casa e ir ao hospital.

A crise no casamento trouxe à tona a questão do “*dinheiro da casa*” (Motta 2014, 2015) quando fica evidente nas falas de Rosa que existiam definições, obrigações e proibições sobre o sustento da casa. Como nos mostra Motta, uma das acusações mais graves à honra de um homem é a acusação de *tirar o “dinheiro da casa”* para dar à amante, mais do que a própria traição e o adultério. Socialmente se espera da mulher casada muitas obrigações; do marido, é esperado que pelo menos se “coloque comida na mesa” ou que “não deixe faltar nada em casa”. “Ele trazia ela para dentro de casa” foi outra frase dita por Rosa que também traz uma normatividade - o espaço doméstico também carrega consigo pressupostos de como se deve ser.

A partir daí Rosa significa outro processo de sua vida: Marcus a expulsa de casa com quatro dos cinco filhos (João é o único que fica com o pai) e começa a habitar diferentes casas. A primeira casa no bairro Cidade Aracy I, onde Rosa e as quatro crianças

foram no final de 2014, “era pequeninha, era uma prisão, não tinha como respirar, era só uma janelinha assim, cheio de poeira”. Rosa chorou ao me dizer que fazia frio, ventava e que a casa não era segura. Segundo ela, a proprietária e seu namorado “eram drogados”. Enquanto moravam nessa casa, Rosa também se recorda das ajudas que tiveram; a primeira, de uma amiga sua que considera como mãe de criação, “trouxe os *Vicentinos*²⁰”. Não só nesse momento, mas em vários outros da entrevista Rosa relata a ajuda, o apoio e os conselhos deles. O valor do aluguel da casa era de 250 reais e, pelo que pude entender, era Marcus quem pagava. Rosa e os filhos ficaram ali até dado momento que a CPFL cortou a luz, “nós ficamos no escuro”, ela disse. Os proprietários não pagavam nem a conta de luz nem a de água com o valor do aluguel e, então, Rosa tentou a “força social na assistência social” e não conseguiu. A mãe e o padrasto de Rosa negaram que ela e os filhos fossem morar com eles, mas aceitaram pagar metade do aluguel da nova casa que encontrou no bairro Cidade Aracy II. “Era calmo”, ela disse, mas não contou em detalhes da nova casa, pois logo lembrou e disse entusiasmada sobre o momento que foi sorteada e *ganhou a casinha do Abdelnur*.

Sobre o momento mais recente enquanto moradora do *Abdelnur*, Rosa o adjetiva como tormenta, pesadelo, inferno. Não era somente um acontecimento específico que habitava seu cotidiano e o deixava mais difícil, eram vários. No entanto falarei primeiramente de um que ela constantemente mencionava para mim. A interpretação de Rosa era a seguinte: uma mulher que antes era sua amiga mandava “uns meninos” todas às noites no quintal dos fundos de sua casa. Eles mexiam com a sua cachorra, faziam barulhos, quebravam coisas como seu *tanquinho*, sua campainha, enfim, a incomodavam e tiravam seu sono há meses. Por esse motivo, hoje em dia ela e os filhos dormem todos juntos na sala. A razão que Rosa atribui a essas ações é de que querem tirá-la de sua casa para, então, a *invadirem*.

“Meu sonho é acordar desse pesadelo” era uma frase dita constantemente por Rosa. São muitos os fantasmas que habitam sua vida em exceção ordinária e ela me apresentou diferentes interpretações sobre seu cotidiano que hoje se resume basicamente a ficar dentro de casa ou no máximo no quintal. Mesmo que não saísse, Rosa lidava com diferentes pessoas: os *Vicentinos*, os *Salesianos*, a assistente social, a psicóloga, a conselheira tutelar,

²⁰ Rosa faz referência à Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) que é “uma organização civil de leigos, homens e mulheres, dedicada ao trabalho cristão de Caridade”. Em alguns momentos da entrevista mencionara os nomes de cada pessoa, mas geralmente se referia a eles dessa forma: “os *Vicentinos*”. Mais informações ver: <http://www.ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/>. Último acesso em: 6/2/2019.

professores e diretores das escolas dos filhos, sua família e os vizinhos. As justificações por não trabalhar e por não sair de casa são variadas, e ela as expõe de acordo com as interpretações que tinha sobre as pessoas com quem conversava. Acredito que sua relação comigo era assim, por mais que eu dissesse a ela quem eu era, era difícil que não me associasse a uma psicóloga que frequentava sua casa, por exemplo.

Em suas falas, portanto, são várias as razões que apresenta para não sair. Uma delas por exemplo é o medo de quebrarem sua máquina de lavar que ainda paga as parcelas: “Eu tenho medo de deixar sozinha a casa, por causa da máquina de lavar [...] Minha avó que retirou para mim na loja, eu estou pagando com o Bolsa Família, eu fiz uma promessa pra minha avó que eu ia zelar a máquina”. Ela também mencionava outras razões, como as ameaças feitas por sua ex-cunhada, irmã de Marcus: “Um dia ela fez ameaça no *facebook* que ia me pegar, falando que eu tinha ameaçado o irmão dela”. Outro medo que sente é de deixar seus filhos sozinhos, porque dois deles não se dão bem: “Não tem como deixar sozinho. O Bruno é perigoso de matar o Miguel. E aí como é que eu vou fazer, menina? Eu vou levar culpa?” Rosa também diz sentir medo do ex-marido, do “estuprador do Abdelnur²¹” e de outros homens que a seguiram.

Rosa tem uma cicatriz grande na perna de quando era jovem e sofreu um acidente, sente dores até hoje e não consegue trabalhar, somam-se às dores físicas todos os medos que já foram apresentados. O que ela fazia para se ocupar e conseguir algum dinheiro extra era ajudar sua mãe e avó na limpeza de suas casas, mas desde que se mudou para o *Abdelnur* isso se tornou inviável dada a distância até o Cidade Aracy. De vez em quando Rosa ganha cesta básica de seu padrasto que trabalha na prefeitura; ela recebe uma quantia de 250 a 300 reais por mês da avó e Marcus ajuda com alguns alimentos para as crianças. Ademais, Rosa conta com o dinheiro do Bolsa Família, cujo valor total é de 426 reais. O “*dinheiro da casa*” que recebe vai para as despesas fixas que atualmente são: parcela da casa, conta de luz, água, IPTU, SKY (internet e televisão) e parcela da máquina de lavar que é aproximadamente 200 reais por mês. Era comum que dissesse do quanto essa parcela pesava, que só terminaria de pagar em maio do próximo ano, mas que não tinha o que fazer, pois quebraram seu *tanquinho*. Dificilmente Rosa consegue comprar algo para os

²¹ Rosa se referia a um caso específico ocorrido no bairro. Mais informações ver a notícia disponível em: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/12/mecanico-e-presos-em-sao-carlos-sp-suspeito-de-estuprar-crianca.html>. Último acesso em: 1/3/2019.

filhos além de comida, o pouco dinheiro que sobra das contas fixas vai para alimentação que por vezes chega a faltar.

Dito isso, é evidente que a casa de Rosa está inter-relacionada a outras casas e que só sobrevive nessa *configuração*. Ela reza para que sua avó tenha saúde e continue ajudando, pois Rosa compreende que não conseguiria manter a casa sem ajuda e, então, iria para a rua. Os móveis, televisão, eletrodomésticos e roupas foram todos doados à família por instituições de caridade ou por uma rede de pessoas – sobretudo de mulheres - que fizeram parte de seus processos de vida. Isso fica claro na fala quando apontou para cada objeto da casa: “Isso aqui foi a dona Dora que deu, esse foi a dona Solange, esse foi a professora do Leonardo, a geladeira foram os *Vicentinos*, esse aqui foi uma amiga do Pedro, da secretária que ajudou. Mas não tem uma coisa que ele [Marcus] ajudou”.

Nas linhas acima também temos exemplos de como as memórias de Rosa estão conectadas às casas, bairros e cidades que habitou; além disso, ela recorre às memórias das casas que viveu para facilitar a lembrança de outros eventos. Mais uma vez vemos nos processos de vida de Rosa o ideal de autonomia que uma casa traz consigo. Também podemos observar como as assimetrias das relações de cuidado constituem as relações dentro de sua casa e nos laços entre a sua casa, de sua mãe e padrasto, e de sua avó. Quando ficou sem luz e recorreu a mãe, esta negou que voltasse a morar em sua casa e lhe disse: “Você tem que se virar”, mas a ajudou no valor do aluguel da próxima habitação.

Para concluir, geralmente escutava reclamações das moradoras que ali vivem, seja do transporte, da distância, por não ter supermercado, escolas, etc. E é comum que essas reclamações sejam completadas com as frases: *mas só de não pagar aluguel* ou *só de ter minha própria casa...* Como se todo o esforço no final valesse a pena. Porém isso não é visto igualmente para todas, nem sempre vale a pena e nem todas as mulheres do bairro seguem vivendo lá, algumas alugam a casa, trocam, se mudam, abandonam ou vendem. Como vimos com a Rosa, o sonho da casa própria pode virar um pesadelo, mas pesadelo maior é ficar na rua, sem qualquer teto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, apresentei em certa ordem cronológica os “processos de vida” e de casas das quatro interlocutoras principais da minha pesquisa de mestrado. Faz sentido organizar dessa forma - articulando as vidas e as casas em um “processo de vida”

compartilhado - pois assim que as mulheres pontuavam a todo momento, isto é, as casas como marcadores no fluxo de suas existências. Ao analisar minhas anotações no caderno de campo e as transcrições das entrevistas, as casas - que habitaram, construíram, trabalharam, pagaram aluguel, desejaram ou não, que fugiram, que *foram mandadas embora*, que *lutaram para conseguir*, que *pediram a Deus* – sempre apareciam.

Eugenia Motta (2014, 2015) nos mostrou como a mutabilidade dos espaços e das construções são centrais na forma pela qual o passado é narrado e o futuro é imaginado. A partir de uma casa específica e de outras inter-relacionadas, ela apresenta como as histórias sobre eventos no passado mais distante são comumente narrados com construções como pano de fundo. Além disso, demonstra como as casas, sobretudo a possibilidade de transformá-las, são tomadas como pontos de referência quando as pessoas falam de planos futuros. Da mesma forma, nas narrativas de minhas interlocutoras sobre o passado, suas casas marcam os momentos de suas vidas; além disso, os eventos como nascimentos e mortes fundem-se com as habitações e se tornam marcos temporais. As casas surgem não somente nas narrativas sobre o passado, como também nas falas sobre o futuro, nos planos de vida que são feitos, imaginados, desejados. Dessa maneira, acredito que as casas compõem um repertório sobre diferentes temporalidades. A partir delas, é possível observar a forma como o passado é narrado, o presente é pensado e o futuro imaginado. Ao dizer sobre as casas em que habitaram no passado, provoca-se um processo reflexivo de comparação de como era a vida antes, de como está agora e de como se imagina futuramente.

Dito isso, é importante perceber como a casa e a memória se relacionam. Por exemplo, é comum que a lembrança da casa funcione com um gatilho para o início de outras memórias do passado, ou seja, ao contar sobre alguma habitação, outras memórias são provocadas, sejam temporais ou afetivas. Além disso, para lembrar a data de outros eventos, muitas vezes as pessoas voltam nas lembranças da casa que moravam para dizer em que época o evento ocorreu. Quando perguntei à Maria em que época foi beneficiária do PBF, ela respondeu que morava em São Paulo, em seguida contou que cuidava de suas netas. Com a minha pergunta, ela recorreu à configuração da casa (física e de pessoas) que habitava naquele momento para se lembrar da época que recebia o benefício. Esse é um exemplo de como a configuração da casa e suas transformações dão sentido às histórias.

Hoje moradoras das *casinhas do Abdelnur*, Maria, Bela, Ana e Rosa seguem fazendo planos que envolvem mudanças para outras habitações ou transformações futuras

nas suas próprias casas. Isso é perceptível nas falas que expressam o desejo de se mudar do bairro ou através das transformações imaginárias nas *casinhas* como, por exemplo, a construção de um muro, de uma edícula no fundo, de um espaço que servisse de comércio, de móveis no interior da casa, etc.

Apoiada principalmente nas leituras de Das (2015), Pierobon (2018, p.37) afirma que “o cotidiano de pessoas que vivem em exceção ordinária não é o lugar do óbvio e da repetição, mas o lugar em que eventos extraordinários acontecem no dia a dia e fazem com que as pessoas precisem reabitar o mundo a cada novo acontecimento”. Pierobon (2018) nos mostra como Leonor, sua interlocutora, reabita o mundo após a devastação e como as violências ficam embebidas no seu cotidiano. Dessa maneira, acredito que as quatro mulheres vivam em exceção ordinária, mas em diferentes graus. Embora todas morem atualmente as *casinhas do Abdelnur*, existem nuances entre suas formas de habitar o mundo. Nas minúcias de suas vidas existe muita densidade e complexidade, bem como diferenças significativas entre elas. O cotidiano de Rosa claramente é embebido a todo momento por eventos extraordinários violentos e reabitar o mundo a cada novo acontecimento se torna cada vez mais difícil. As possibilidades praticamente se esgotaram a ponto que hoje Rosa vive somente dentro de casa, lá que é o seu mundo habitável, ou seja, a exceção ordinária encontra-se quase no limite.

Por outro lado, os “processos de vidas” e de casas das quatro mulheres têm pontos em comum e suas trajetórias de certa forma se cruzam hoje em dia. Por exemplo, todas são moradoras das *casinhas do Abdelnur* e são (ou foram em algum momento de suas vidas) titulares do PBF. Ademais, podemos encontrar semelhanças nos “processos de vida” de Maria e de Rosa – ambas foram trabalhadoras rurais que migraram de cidades, estados e casas conforme as ofertas de trabalho. Há uma questão geracional que também as aproximam e, por outro lado, as divergem de Ana e Bela que são mais jovens e tiveram uma trajetória mais urbana. Nos “processos de vida” dessas mulheres, as formas de habitar e de viver estão relacionadas, como vimos aqui. Além disso, as memórias passadas, sobretudo das casas e pessoas, são importantes para compreendermos as formas que habitam a vida cotidiana.

Tentei captar e me atentar às memórias subalternas, ao indizível, ao não-dito, aos silêncios e, também, às mentiras. Acredito que é de suma importância atentar-se, tal como fez Silva (2012) analisando as mulheres trabalhadoras rurais, a captar elementos que podem estar escondidos, reprimidos, no campo do indizível e do silêncio. Este campo pode

estar atravessado não somente por traços relativos ao gênero (demonstrando uma memória sexuada), como também de classe e raça.

As vidas cotidianas de Maria, Bela, Ana e Rosa – assim como as nossas – ficam ainda mais complexas quando levamos em consideração que o passado se constitui como experiência embebida no presente. Das (2007) trata mais propriamente de como grandes eventos de violências coletivas (a partição da Índia em 1947 e o assassinato da primeira ministra Indira Gandhi em 1984) se inscrevem na vida cotidiana de pessoas e comunidades particulares. O livro narra a vida de informantes profundamente enraizados nesses eventos e descreve como estes anexam seus tentáculos e se desdobram no cotidiano. Muito embora eu não trate propriamente de memórias de grandes eventos coletivos - mas de violências no interior da família, muitas vezes dentro de suas próprias casas por familiares -, Das (2007) ainda assim serve como referência importante para questões tocadas neste texto.

O conceito de “embeber-se” é interessante de ser mencionado aqui. O sentido foi trabalhado primeiramente por Das (2007), mas Ferreira (2015) e Pierobon (2018) também nos ajudam a entendê-lo. Ferreira menciona o termo para pensar o trabalho de campo enquanto um processo de: abrir-se gradualmente às experiências do outro, absorvermos nos nossos corpos tais experiências, deixar-se afetar e decidir permanecer ali. Como se percebe, esse processo de embeber-se envolve também uma experiência corporal. Nesse sentido, Pierobon (2018) nos mostra, por exemplo, como as mortes de jovens assassinados por policiais militares no Rio de Janeiro ficam embebidas no cotidiano, ou seja, as mortes estão constituindo as relações e sendo assimiladas em diferentes níveis. Dito de outra forma, este evento extraordinário está embebido e constitui o ordinário. O que Pierobon (2018) apresenta é como a complexificação do passado e seu emaranhamento nas experiências do presente, nos leva a compreender as formas como as pessoas habitam a vida cotidiana, como explicam suas decisões, ações e sentimentos.

Cada uma a sua maneira, Maria, Bela, Ana e Rosa tiveram que reabitar o mundo entrelaçando eventos ordinários e extraordinários. Neste texto descrevi situações de como o passado se emaranha nas experiências do presente, existem memórias de violências que estão inscritas nos corpos de minhas interlocutoras, nas suas relações familiares, nas relações dentro das suas casas e entre as casas. Existem fantasmas da memória que habitam, tecem e se entrelaçam às suas vidas ordinárias. Aqui, procurei mostrar as memórias, em como o passado embebe, constitui, tece e complexifica o presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMS, P., 2006. Notes on the Difficulty of Studying the State. In: SHARMA, A.; GUPTA, A. (org.). *The Anthropology of the State: a Reader*. Oxford: Blackwell.
- ARAÚJO SILVA, M.C., 2017. *Obras, casas e contas: uma etnografia de problemas domésticos de trabalhadores urbanos, no Rio de Janeiro*. 2017. 292f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CARSTEN, J.; HUGH-JONES, S., 1995. *About the house: Levi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DAS, V., 2004. *Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press.
- DAS, V., 2015. “What does ordinary ethics look like?” In: LAMBECK, M.; DAS, V.; FASSIN, D.; KEANE, W.; *Four lectures on ethics: anthropological perspectives*. Chicago: HAU Books.
- FELTRAN, G. S., 2011. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora da Unesp/CEM.
- LÉVI-STRAUSS, C., 1979. A organização social Kwakiutl. In: *A via das máscaras*. Lisboa: Presença/Martins Fontes. p. 143-167.
- MOTTA, E., 2014. Houses and economy in the favela. *Vibrant*, Florianópolis, v. 11, p. 118-158.
- FERREIRA, Mariana Tavares. 2015. *Ensaio da Compaixão: sofrimento, engajamento e cuidado nas margens da cidade*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- MOTTA, E., 2015. Economia cotidiana na favela. In: LEAL, C. et al. (org.). *Um olhar territorial para o desenvolvimento: Sudeste*. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, p. 436-461.
- PIEROBON, C., 2018. *Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate*. 324 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SILVA, M. A. M., 2012. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. *Ruris*. Campinas, v. 4, p. 13-44.
- VIANNA, A., 2014. Violência, Estado e Gênero: Entre corpos e corpus entrecruzados. In: SOUZA LIMA, A. C.; GARCIA-ACOSTA, V. (org.). *Margens da Violência: Subsídios ao estudo do problema da violência nos contextos mexicano e brasileiro*. Brasília, ABA, v. 1, p. 209-237.
- VIANNA, A; LOWENKRON, L., 2017a. Apresentação. *Cadernos Pagu*, v. 1, n. 51.
- VIANNA, A; LOWENKRON, L., 2017b. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. *Cadernos Pagu*, v. 1, n. 51, p. 1.
- WEBER, M., 1968. A política como vocação. In: WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. Berlim: Dunker & Humblot.